ÁREA TEMÁTICA: COMUNICAÇÃO

PROJETO PORTAL COMUNITARIO: O MEIO É A MENSAGEM

Autora: BECKER, Maria Lúcia
Apresentadora[1]: BECKER, Maria Lúcia

RESUMO – O texto apresenta e discute um desdobramento do projeto Portal Comunitário não previsto na elaboração inicial da proposta. Dada a complexidade da constituição social-histórica do conceito de comunicação comunitária no Brasil e da construção de um saber-fazer mais calcado em práticas populares do que na formação acadêmico-profissional, entre outros fatores, a configuração de veículos de comunicação comunitária atualmente enfrenta o desafio da própria compreensão da atividade por parte dos envolvidos na produção. Esse é o caso do Portal Comunitário de Ponta Grossa, um projeto de extensão implantado em agosto de 2008, com o objetivo de "construir um serviço de produção e divulgação de informações regido pelos princípios da comunicação comunitária, tendo como suporte a www, para atendimento das necessidades e interesses de comunidades de periferia, entidades populares e sindicais, movimentos sociais e outras organizações populares da cidade de Ponta Grossa". Assim, embora não conste nos objetivos, nem na metodologia descrita no projeto, a busca de uma compreensão do conceito de comunicação comunitária tem sido fundamental na condução dos trabalhos por parte de professores, alunos, e grupos/entidades da comunidade. Para isto, algumas estratégias metodológicas e procedimentos de nível operacional tem sido implementados, com alguns resultados já perceptíveis, como indicam as observações e reflexões trazidas pelo presente trabalho.

PALAVRAS CHAVE – Comunicação Comunitária. Comunidade. Jornalismo.

Introdução

A professora e pesquisadora Raquel Paiva começa e termina o texto "Para reinterpretar a comunicação comunitária" (2007, p. 133-148) com a citação de Marshall McLuhan. A referência, na introdução do artigo, tem uma relação direta com a proposta de análise das mudanças recentes tanto no conceito de comunidade quanto no de comunicação comunitária. Paiva lembra a idéia de "aldeia global", lançada por McLuhan, ressaltando a importância de se refletir sobre o "encurtamento das distâncias" e a modificação das unidades de tempo, que têm gerado "um novo ambiente e, consequentemente, novas formas de socialização" (p. 133). Ao final, fechando o panorama sobre a presença da comunicação comunitária na atualidade, o resgate do pensamento de McLuhan "em favor do campo da comunicação comunitária" reaparece com a afirmação "o meio - comum - é a mensagem" (PAIVA, 2007, p.147).

A autora enfatiza elementos de influência sobre a vida comunitária, relacionados ao que chama de "forte densificação tecnológica", que precisam estar na base dos estudos e reflexões sobre a comunicação comunitária. Além destes, entretanto, o saber-fazer na área enfrenta também a necessidade de dar conta de alguns outros fatores, mais ligados à constituição social-histórica de conceitos e práticas no Brasil e no mundo.

Ao se propor a fazer comunicação comunitária hoje, o Portal Comunitário[2] aceita enfrentar o desafio de se firmar sobre um terreno que se assemelha à areia movediça, dadas as dificuldades

---

[1] Doutora em Ciências da Comunicação, professora do Departamento de Comunicação - Jornalismo. E-mail: marialuciabecker@yahoo.com.br

[2] Cf. www.portalcomunitario.jor.br

para a consolidação de uma percepção nítida e estável das características desta prática por parte de professores, alunos e grupos/entidades da comunidade. Entre estas dificuldades, em primeiro lugar se colocam as mudanças no conceito de comunidade.

Cicilia Peruzzo explica que, seguindo as definições clássicas, uma comunidade podia ser identificada somente a partir da existência de algumas condições básicas, como vida em comum, com algum grau de coesão social; auto-suficiência; cultura e objetivos comuns; identidade de interesses entre os membros; sentimento de pertencimento; participação ativa; e localização geográfica, entre outras. Mas estas definições foram elaboradas dentro dos parâmetros das sociedade agrárias. "As transformações nas sociedades exigiram a atualização nos conceitos de comunidade. As noções de 'territorialidade', 'auto-suficiência' e 'identidade' perfeita entre os membros, por exemplo, foram revistas em decorrência do avanço tecnológico e das alterações no modo de vida" (PERUZZO, 2006, p. 13).

Além destes fatores gerais de influência na constituição de comunidades e na delimitação dos elementos componentes do conceito, Peruzzo indica outro ponto importante a ser considerado no caso brasileiro: uma "prontidão à agregação e à participação cidadã" que alguns segmentos da sociedade estão demonstrando, cujo desdobramento é a constituição de novos tipos de comunidades.

> [...] paralelamente ao egoísmo e ao isolamento pessoal e no contexto das contradições e das desigualdades sociais, há toda uma dinâmica de mobilização representada em múltiplos movimentos e organizações populares. São movimentos relacionados a questões étnicas e de gênero, associações, grupos de ajuda mútua, redes de movimentos sociais, cooperativas, movimentos ambientalistas, movimentos contra a violência etc., acrescidos de aliados, como ONGs, segmentos progressistas de igrejas e outras organizações do terceiro setor (PERUZZO, 2006, p. 14).

Nesse contexto, destaca-se uma segunda dificuldade ao estabelecimento de uma compreensão consensual sobre a comunicação comunitária: as suas origens e desenvolvimento no Brasil. Em princípio, ou teoricamente, comunicação comunitária poderia ser entendida como todo processo de comunicação que atenda às necessidades e interesses de alguma comunidade. E comunidade pode ser entendida, de um modo geral, como: "...toda forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum, seja qual for a dimensão desse grupo e independentemente de sua dispersão ou proximidade geográfica" (PALACIOS, 1990, P. 107).

Na prática, porém, a natureza e a identidade da comunicação comunitária no Brasil têm os seus contornos definidos dentro de um contexto social-histórico específico que precisa ser lembrado, sob pena de se passar ao largo do reconhecimento dos pilares de sustentação que dão consistência e significado a esta atividade. É o que faz Peruzzo, ao lembrar que a comunicação comunitária tem suas origens na comunicação popular e alternativa das décadas de 1960/70. A autora refere-se a "pontos de passagem e de convergência" entre a comunicação popular, a alternativa e a comunitária, ressaltando que a última vai além dos movimentos populares, "embora continue a se configurar como tal ou a representar um canal de comunicação destes movimentos, ou, no mínimo, a ter vínculos orgânicos com os mesmos" (PERUZZO, 2006, p. 7). É o que faz também o Portal Comunitário, ao definir a sua linha editorial com base nos princípios da comunicação popular, alternativa e comunitária.[3]

Uma terceira dificuldade que leva o projeto do Portal Comunitário a ter de construir uma compreensão de comunicação comunitária, em vez de usufruir das vantagens de uma noção já estabelecida, é a coincidência com o momento de conhecimento e aproximação, por parte de alguns veículos da mídia convencional, da proposta de jornalismo público/cívico. Desenvolvido nos Estados Unidos desde o final dos anos 1980, tendo como pioneiros Davis Merrit e Jay Rosen, o jornalismo público assumiu a tarefa de "fazer com que o público se sentisse ligado novamente às vidas públicas das suas comunidades" (FALLOWS, 1997, p. 309). De acordo com Erik Neveu, por meio de técnicas de entrevista, o jornalismo público busca saber o que pensam os cidadãos e lideranças de associações e comunidades: "o que está em jogo é suscitar uma remobilização dos cidadãos e constituir um fórum com vistas a propor soluções para as questões evidenciadas" (NEVEU, 2006, p. 173-174). Para o autor, é preciso questionar, neste contexto, a possibilidade de confusão entre jornalismo e função representativa.

Por fim, há ainda uma quarta e não menos importante dificuldade em relação à noção de comunicação comunitária: o processo de consolidação do jornalismo participativo, colaborativo, também chamado de jornalismo cidadão, nos últimos cinco anos. Com as facilidades trazidas pelas

---

[3] Cf. Linha editorial, em http://www.portalcomunitario.jor.br

tecnologias de rede, muitas empresas da grande mídia passaram a promover a participação dos cidadãos na produção de material informativo, por meio da publicação desse material. Na mídia convencional, a proposta teve como pioneiro o site sul coreano OhMyNews (criado no ano 2000), que, com o slogan "Cada cidadão é um repórter", começou a motivar a produção e envio de material. O manual "Jornalismo cidadão: você faz a notícia", define o jornalismo participativo como uma modalidade que

> [...] não exclui a produção dos jornalistas profissionais, acrescenta a ela a contribuição de cidadãos jornalistas, leigos que são testemunhas de fatos importantes, gente que está no lugar certo e na hora certa para cobrir um evento, especialistas que podem falar melhor sobre determinado assunto e ainda todas as vozes que simplesmente desejam se manifestar. Você pode ser um destes colaboradores, eventuais ou regulares, no mundo das notícias (FOSCHINI e TADDEI, 2006, p. 9-10).

Do ponto de vista da grande mídia, trata-se de uma forma fácil, barata e lucrativa (na medida em que visa a ganhar audiência) de atender interesses e necessidades específicas, por meio do oferecimento de alguma visibilidade a indivíduos, grupos, localidades. Quando desenvolvido por veículos de mídia alternativa, no entanto, pode ser uma forma de viabilizar o direito de comunicação a participantes de grupos, comunidades e movimentos sociais, a exemplo do que faz o Centro de Mídia Independente.[4]

Objetivo

A implantação do projeto Portal Comunitário gerou a necessidade da busca incessante de uma compreensão do conceito e do saber-fazer da comunicação comunitária por parte de professores, alunos e grupos/entidades da comunidade. Esse objetivo tem sido perseguido desde os momentos iniciais de execução do projeto, com a implementação de estratégias gerais e procedimentos metodológicos específicos, como se verá no ponto a seguir.

Metodologia

Medidas visando ao estabelecimento de uma compreensão de comunicação comunitária passaram a ser tomadas, desde os momentos iniciais de desenvolvimento do projeto, de forma proposital, seja no âmbito da coordenação e dos trabalhos da equipe de extensão, seja no nível dos desdobramentos e implicações para o trabalho interdisciplinar envolvido. Entre as estratégias e procedimentos metodológicos, destacam-se:

1) Proposta de participação condicionada da comunidade no projeto, especificada já na "Carta convite" enviada às associações de moradores, sindicatos de trabalhadores, grupos culturais e assistenciais, ONGs e movimentos sociais, onde a adesão implica concordar com o cumprimento de algumas "obrigações", entre as quais: "Participar da produção das notícias, enviando propostas de pautas, indicando "fontes" (pessoas a serem entrevistadas) e fornecendo as informações necessárias";

2) Inserção das equipes de reportagem na comunidade, ou seja, desenvolvimento de um processo de aproximação, conhecimento e acompanhamento semanal da vida dos grupos/entidades. Cada equipe assumiu um bairro, um sindicato e uma entidade de caráter geral (grupo cultural, movimento social, ONG);

3) Definição de critérios de noticiabilidade compatíveis com as especificidades do jornalismo comunitário, onde os valores-notícia centram-se em: a) questões locais; b) problemas/reivindicações do bairro, categoria ou parcela da sociedade representada pelo grupo; c) idéias, propostas, visão de mundo, produções de cada grupo, comunidade, ou movimento; d) mobilizações específicas e localizadas, assim como articulações e lutas envolvendo diferentes atores sociais tendo em vista questões gerais da cidade; e) temas gerais ou específicos que digam respeito ao meio ambiente e às condições de vida da maioria da população ou de setores em situação de risco, discriminação, ou exclusão; f) resgate da história das entidades, grupos, bairros, eventos; g) vida comunitária, com retratos de atividades coletivas e individuais convergentes com o "espírito de comunidade"; h) celebrações, festas, eventos esportivos, culturais, ou de lazer/entretenimento;

---

[4] Cf. www.midiaindependente.org

4) Encaminhamento, junto à turma, da produção de reportagens hipertextuais multimídia, visando tanto ao aprofundamento da discussão de assuntos mais complexos quanto à busca de condições de leiturabilidade por parte das pessoas da população que não têm hábito de leitura ou grau suficiente de letramento para enfrentar os textos convencionais. O aprofundamento da discussão tem como base técnica a busca de maior resolução semântica por meio da produção de conteúdos que dêem conta dos quatro níveis da "pirâmide deitada" (CANAVILHAS, 2005): nível básico, nível da explicação, nível da contextualização e nível da exploração. Já a melhoria das condições de leiturabilidade resulta; a) do cuidado com o trabalho de titulação (elaboração de títulos e títulos-links com o máximo de informações, redação de "teaser de resumo ou sumário" e de legendas de destaque de conteúdo); b) da organização do conteúdo em blocos de cerca de 1.500 caracteres, com fotos e legendas informativas; c) da organização hipertextual, com a finalidade de atrair para os diversos blocos por meio de títulos-links; e d) da inserção de material multimídia (blocos de conteúdo em áudio, vídeo, slideshow, galeria de fotos, entre outras possibilidades);

5) Ligação do específico/localizado com o geral, por meio da inserção de links para notícias e reportagens já publicadas sobre fatos, situações, ou temas semelhantes, próximos, ou convergentes, como estratégia para se conseguir, por meio de recortes transversais, uma visão global da cidade, ou do mundo do trabalho, ou da sociedade. É o que ocorre, por exemplo, com os moradores do bairro com problemas no atendimento da unidade de saúde que podem ver a mesma situação em vários outros bairros, obtendo, assim, condições para refletir sobre a situação da saúde na cidade e discutir a questão das políticas públicas para a área. Como diz Raquel Paiva (2007, p. 144), "a perspectiva educacional e formativa é prerrogativa primeira de um veículo comunitário e, por esta razão mesmo, sua atividade não se esgota na mera produção de mensagens noticiosas";

6) Constituição de um espaço próprio para cada grupo/entidade, por meio da criação de "categorias" dentro do site, onde os registros vão se juntando aos anteriores, configurando-se, não um arquivo/depósito nos moldes de uma coleção de elementos pertencentes ao passado, mas uma memória viva, ao alcance de um clic, que vai ajudando na composição da identidade cultural, tanto como da história - do bairro, da associação de moradores, dos trabalhadores, dos movimentos sociais, da cidade construída pelos cidadãos;

7) Composição de um quadro da diversidade (de grupos, entidades, movimentos), por meio da criação de menus que dão visibilidade para "Bairros", "Sindicatos" e "Entidades". Colocados lado a lado, entretanto, a criação da situação de vizinhança indica a existência de algo comum e, portanto, a possibilidade de construção do que Paulo Freire chamava de unidade na diversidade (FREIRE, 1997, p. 31).

Resultados

Tanto a proposta de participar da produção das notícias quanto a busca de aproximação, conhecimento e acompanhamento da vida dos grupos/entidades por parte das equipes de reportagem tem gerado, inicialmente, um certo estranhamento no pessoal das entidades e grupos. Trata-se de uma situação inusitada, do ponto de vista da comunidade, acostumada que está com a distância da mídia, o tratamento impessoal e o descaso "profissional" com os relatos que não dizem respeito diretamente ao fato a ser noticiado. Para o repórter comunitário tudo interessa, seja para uma compreensão ampliada do fato, seja para identificação e mapeamento de outras fontes, seja para geração de outras pautas, ou ainda para simplesmente conhecer mais a realidade, a história, a vida da comunidade.

O mesmo estranhamento verificado na comunidade também ocorre com a maioria dos alunos, que aprenderam até então apenas o modo de fazer da mídia convencional. Muitos tentam, num primeiro momento, dar conta da proposta do jornalismo comunitário com as técnicas tradicionais, e se irritam com a dificuldade de obter resultados. Mas logo percebem que, para "fazer junto com a comunidade", característica básica da comunicação comunitária, é preciso investir na inserção pessoal na vida comunitária.

Aos poucos, uma compreensão da comunicação comunitária vai se estabelecendo também na comunidade. Percebe-se uma identidade do grupo com o veículo - Portal Comunitário -, assim como do grupo com a equipe de reportagem, ao ponto de a continuidade da equipe no trabalho junto ao bairro ou entidade ser solicitada à coordenação do projeto, como ocorreu na reunião de avaliação no final de 2008.

O conteúdo diretamente ligado aos atores sociais e às necessidades e interesses da comunidade também tem contribuído para o estabelecimento de uma compreensão de comunicação

comunitária que, com o tempo, vai se consolidando como conceito distinto de outras modalidades de jornalismo. Com as equipes cumprindo bem a sua tarefa de inserção e trabalho conjunto com cada grupo/comunidade, o conteúdo publicado naturalmente expressa a razão e o modo de ser da mídia comunitária no contexto brasileiro.

O desafio persiste, no entanto, no que diz respeito ao próprio jornalismo. Muitas vezes os repórteres enfrentam dificuldades, não raro intransponíveis, para conseguir a chamada pluralidade de fontes. Como o jornalismo comunitário trabalha com critérios de noticiabilidade definidos com base na realidade dos setores populares, moradores de periferia, trabalhadores, minorias e movimentos sociais, muitas são as pautas que exigem informações ou declarações de autoridades do Executivo ou Legislativo municipal/estadual, de donos de empresas, ou de funcionários coibidos por seus chefes. Nestes casos, para não ferir os critérios jornalísticos, é preciso um tempo e um esforço nem sempre presentes na realidade da vida acadêmica.

Referencias

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Disponível em: www.bocc.ubi.pt Acesso em: 18 jul. 2007.

FALLOWS, James. **Detonando a notícia**: como a mídia corrói a democracia americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FOSCHINI, Ana Carmen e TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo cidadão - você faz a notícia**. Coleção Conquiste a Rede, 2006. Disponível em: http://pt.globalvoicesonline.org/wp-content/uploads/2007/08/conquiste_a_rede_jornalismo_cidadao.pdf Acesso em: 31 Mar. 2008.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.) **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 133-148.

PALACIOS, Marcos. "Sete teses equivocadas sobre comunidade e jornalismo comunitário". **Revista Comunicação & Política**: comunicação pela América Latina. Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos. Ano 9, n 11, Abr-Jun. 1990. São Paulo: Editora Oito de Março, 1990, p. 103-110.

PERUZZO, Cicilia M.K. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. **Anais** do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.